

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS NO MUNICÍPIO
DE TONANTINS – AMAZONAS: UM ESTUDO
A PARTIR DO PARFOR**

Neize Laura de Lima Deveza (UFAM)

neizelauralima@gmail.com

Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio (UFAM)

ligiane@ufam.edu.br

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é apresentar o mapeamento da situação da formação dos professores indígenas do PARFOR no município de Tonantins, no Amazonas, no que diz respeito às línguas aí envolvidas. Os objetivos específicos de nosso estudo são: averiguar se o ensino de línguas realizado no programa PARFOR favorece/prioriza as línguas indígenas e/ou português e/ou espanhol; registrar possíveis dificuldades que os alunos indígenas do PARFOR no município de Tonantins-AM têm para continuar e finalizar o curso e, a partir da visão dos alunos indígenas, de que maneira a formação repercute no ensino de línguas realizado nas escolas onde eles trabalham. Os autores que utilizamos para embasar nossa pesquisa acerca da formação de professores indígenas e do ensino de línguas em contexto bilíngue são: Wilkins (1976), Cavalcanti (2003), D'Angelis (2012), Krashen (1982), Freire (2008), dentre outros, além de documentos como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI). Os resultados de nossa investigação apontam o perfil dos acadêmicos do PARFOR, os desafios que se apresentam a eles, em especial, em relação às línguas e, ainda, as limitações que a formação inicial apresenta a esses acadêmicos para que os mesmos possam atuar de forma mais reflexiva, crítica e consciente sobre o seu fazer.

Palavras-chave:

PARFOR. Uso de diferentes línguas. Formação de professores indígenas.

RESUMEN

El objetivo general de este trabajo es presentar el mapeo de la situación de la formación de maestros indígenas de PARFOR en el municipio de Tonantins, en Amazonas, en cuanto a las lenguas allí involucradas. Los objetivos específicos de nuestro estudio son: conocer si la enseñanza de lenguas llevada a cabo en el programa PARFOR favorece / prioriza las lenguas indígenas y / o el portugués y / o el español; registrar las posibles dificultades que tienen los estudiantes indígenas de PARFOR en el municipio de Tonantins-AM para continuar y finalizar el curso y, desde la perspectiva de los estudiantes indígenas, cómo afecta la formación a la enseñanza de idiomas que se realiza en las escuelas donde trabajan. Los autores que utilizamos para apoyar nuestra investigación sobre la formación de profesores indígenas y la enseñanza de lenguas en un contexto bilingüe son: Wilkins (1976), Cavalcanti (2003), D'Angelis (2012), Krashen (1982), Freire (2008), entre otros, además de documentos como la Ley de Lineamientos y Bases (LDB) y el Marco Curricular Nacional de Escuelas Indígenas (RCNEI). Los resultados de nuestra investigación apuntan al perfil de los académicos de PAR-

FOR, los desafíos que se les presentan, especialmente en relación a los idiomas y, también, las limitaciones que presenta la formación inicial a estos académicos para que puedan actuar de una manera diferente, de manera más reflexiva, crítica y consciente de lo que hace.

Palabras clave:

PARFOR. Uso de diferentes idiomas. Formación de maestros indígenas.

1. Introdução

O tema de nossa investigação é a formação de professores indígenas e o objetivo geral foi realizar o mapeamento da situação da formação dos professores indígenas do PARFOR no município de Tonantins-AM, no que diz respeito às línguas aí envolvidas.

Para a elaboração da fundamentação teórica do estudo, teve-se como base os trabalhos de Wilkins (1976), Cavalcanti (2003), D'Angelis (2012), Freire (2008), dentre outros, além de documentos como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI). Diante disso, os procedimentos que foram utilizados para a geração de dados foram: levantamento bibliográfico, aplicação de questionário aos professores indígenas, com perguntas fechadas e abertas. Cabe ressaltar que, devido ao cenário que assola o mundo por conta da pandemia motivada pela COVID-19, o questionário ou as entrevistas foram feitas, alternativamente, com o auxílio de formulários digitais e redes sociais, dependendo do acesso e disponibilidade dos sujeitos da pesquisa.

No município de Tonantins, Amazonas, no programa PARFOR, houve uma grande demanda de alunos indígenas, no entanto, a maioria desses alunos desistiram ou por conta da localidade/distância ou por não entender o português falado durante as aulas, sendo que, a formação desses professores indígenas é fundamental para preservação da língua e costumes do seu povo. De acordo com Cavalcanti (2003, p. 22), “concebe-se a escola não como lugar único de aprendizado, mas como um novo espaço e tempo educativo que deve integrar-se ao sistema mais amplo de educação de cada povo”.

Assim sendo, as escolas, como também as Universidades deveriam adotar meios que pudessem ajudar esses alunos em sua formação. Contratando professores formados que falassem a língua indígena dentro de sala de aula.

Acerca disso, o que se espera do professor indígena é que ele tenha uma atuação na escola e para a escola, ou seja, o professor tem que ser inovador, buscando meios com que seus alunos entendam os conteúdos e que possam interagir com ele dentro de sala de aula, conhecer a cultura e os costumes do seu povo é essencial para que haja progresso no ensino aprendizagem, mas também é de suma importância que ele ensine seus alunos a conhecer as diversas culturas, porque muitos indígenas saem de suas comunidades em busca de estudos, de uma profissão, então cabe o professor preparar seus alunos para que ele não possa ter dificuldade de se relacionar em sociedade. De acordo com D'Angelis (2012), é necessário se trabalhar o bilinguismo nas comunidades indígenas, exatamente para que eles possam chegar em locais como esses (da Universidade) e se sentirem familiarizados com o ambiente educacional e profissional.

O Decreto nº 6.755/2009 da Presidência da República, em seu artigo primeiro, instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, “com a finalidade de organizar, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério para as redes públicas da educação básica”, por exemplo, o PARFOR.

Acerca disso, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica surge de um esforço institucional coletivo, construído entre o Governo Federal, Capes, governos estaduais e municipais e as universidades.

Assim sendo, o PARFOR foi criado com a finalidade de dar continuidade na formação de professores em nível superior. Sendo que, inicialmente seriam atendidos aqueles que se encontram, na prática, em exercício docente com crianças, sem ter titulação universitária e, muitas vezes sequer formação específica de nível médio (BOSCHETTI, 2017, p. 06). Além disso, o programa foi criado com o intuito de minimizar as desigualdades sociais.

Assim sendo, o PARFOR é um meio de formação que promove aos professores uma educação de qualidade para que eles possam trabalhar com seus alunos de forma cada vez mais inovadora, assegurando assim o direito à cidadania.

Nesse sentido, os resultados de nossa investigação apontam que o programa PARFOR em Tonantins realiza o ensino para alunos indígenas; bem como, traçamos o perfil dos acadêmicos, tendo em vista o processo

de formação deles, os desafios que se apresentam a eles devido aos anseios da comunidade na qual atuam, os próprios interesses deles, e, ainda, as limitações que a formação inicial apresenta a esses acadêmicos para que os mesmos possam atuar de forma mais reflexiva, crítica e conscientizada sobre o seu fazer.

2. Referencial teórico

A formação acadêmica é imprescindível para quem trabalha na educação, é ela que vai contribuir para que o professor esteja apto para educar e formar bons cidadãos para sociedade. Acerca disso, a formação de professores gera várias implicações em relação à forma como é realizada e os impactos gerados, uma delas é a forma como essa capacitação está sendo trabalhada em Universidades, ou em programas de formação continuada, como o PARFOR, por exemplo. Assim sendo, este referencial teórico está dividido em três seções. De início, trataremos a formação de professores indígenas, suas implicações e direitos perante a sociedade. Em seguida, abordaremos a aquisição de segunda língua e como ela é importante para o aprendizado do indivíduo, que consequentemente facilita esse indivíduo a viver na sociedade, ou seja, na realidade da qual ele faz parte.

2.1. Formação de professores indígenas

O Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/NTN), e mais tarde o SPI, foi criado com o intuito de integrar os povos indígenas à sociedade nacional. De acordo com o decreto de criação, o SPI poderia intervir consultando as lideranças indígenas, para modificar hábitos e práticas das comunidades indígenas na prestação de assistência a estas. O decreto também previa a criação de escolas para instrução primária sem caráter obrigatório, proibindo que se obrigassem “os índios e seus filhos a qualquer ensino ou aprendizagem, devendo limitar-se a ação do inspetor e de seus auxiliares a procurar convencê-los, por meios brandos, dessa necessidade” (BRASIL, 1910, Art. 15).

Acerca disso, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, enaltece esses regulamentos constitucionais e em 1998 é lançado o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI). Em 1999, a resolução 03, do Conselho Nacional de Educação estabelece diretrizes para o funcionamento das escolas indígenas

no país, “reconhecendo-lhes a condição de escolas com normas e ordenamento jurídicos próprios” (BRASIL, 1999, Art. 1º).

Essas bases sólidas oportunizaram a garantia da não descaracterização dos costumes, tradições e culturas dos povos nativos. E para fortalecer esse contexto, emerge também o currículo intercultural, o qual transcende as relações sistematizadas entre índios e não índios.

Mas nem todos os estados e municípios estão dispostos a construir escolas indígenas e promover a esses cidadãos uma educação que valorize sua cultura e sua língua. É o que acontece no município de Tonantins, no Amazonas, por não ter uma escola própria para indígenas, muitos pais procuram escolas não indígenas para seus filhos, sendo que a Resolução CNE 03/1999 (BRASIL, 1999), estabelece que os professores das escolas devem ser prioritariamente indígenas e têm direito à formação em serviço.

Macedo (2015, p. 43) assinala que nas últimas décadas ocorreu um intenso processo político reivindicatório posto em curso pela sociedade civil organizada e lideranças indígenas, com o objetivo de assegurar “uma escola que considerasse de fato e de direito as especificidades linguísticas e culturais dessas sociedades”.

Nesse sentido, os alunos indígenas têm o direito de buscar avanços em seus conhecimentos, para que mais tarde possam voltar para suas comunidades para ensinar de maneira adequada valorizando a língua e sua cultura. Todavia, não se pode esquecer que para garantir a qualidade da escola indígena, cabe aos governantes o compromisso com inserções de políticas públicas adequadas às especificidades dos povos, além disso, deve-se levar em consideração a resistência dos movimentos e compromisso dos professores indígenas no fortalecimento da identidade e ressignificação das propostas pedagógicas, com base na cultura e saberes tradicionais das comunidades e aldeias com a qual mediam a educação formal.

Tendo em vista as demandas de um mundo cada vez mais globalizado, conectado, tornou-se necessário que os indígenas aprendessem a língua portuguesa, a fim de manter-se conectados com o mundo atual, claro não deixando de lado seus costumes e sua cultura. Nesse sentido, é importante que programas de formação específicos possam ajudar os professores indígenas em seus processos de formação, mas deve-se levar em conta as suas especificidades. De acordo com Freire (2008), em qualquer modalidade educativa, deve existir na educação o respeito à identidade

cultural, mas também o reconhecimento de cada indivíduo em assumir suas culturas, tradições.

2.2. Aquisição de segunda língua

A linguagem é o meio de comunicação mais utilizado pelos indivíduos para interagir na sociedade em que vivem. Nesse sentido, aprender diferentes línguas tornou-se necessário, principalmente no âmbito educacional onde os professores têm de lidar com alunos de diferentes costumes e culturas.

Segundo a teoria histórico-cultural, a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano se desenvolvem a partir das práticas de seu cotidiano, em seu grupo social. Ou seja, para se aprender uma segunda língua, o indivíduo tem que praticar a língua alvo não somente nas salas de aula, mas em seu cotidiano, principalmente estudantes indígenas que sentem dificuldades de aprender o português.

Desse modo, a aquisição de uma segunda língua depende exclusivamente da prática, ou seja, do uso de determinada língua tanto na escrita e na oralidade, tanto em salas de aula quanto em suas atividades cotidianas.

Segundo Wilkins (1976, p. 35), aprender uma segunda língua não significa simplesmente repetir enunciados, mas fazer escolhas linguísticas em situações específicas. Para o autor, o aprendiz precisa ser posto em uma posição que o obrigue a fazer escolhas, ou seja, por ele em situações em que ele vá praticar a língua.

Acerca disso, o autor sugere que aprender não significa apenas memorizar diálogos e expressões, para o aluno aprender determinada língua ou assunto, o professor precisa utilizar métodos e conteúdos que despertem o interesse do aluno em aprender e participar das aulas.

A aprendizagem é um processo que estaria estreitamente ligado a fatores motivacionais. Se o aprendiz sente uma necessidade de comunicar algo em um contexto real, ele realmente irá encontrar a motivação necessária para aprender o que precisa (WILKINS, 1976, p. 38).

Krashen (1982, p. 10) reitera dizendo que aprendizagem seria o conhecimento consciente de uma segunda língua, saber as regras, estar ciente delas e ser capaz de falar sobre elas.

Nesse sentido, para os estudantes indígenas participarem das aulas do PARFOR eles teriam que estar cientes das regras, mas isso não quer dizer que eles não possam lutar pelos seus direitos em possuir um intérprete ou um professor capacitado nas duas línguas.

Para Wilkins (1976, p. 39), um dos fatores que promove a aprendizagem de uma língua seria a significância da língua a ser aprendida. Mais uma vez, pode-se sugerir que se determinado item não tiver significância para o aprendiz, existe uma possibilidade de ele não aprender.

3. *Análise e discussão dos resultados*

Os sujeitos da pesquisa foram os estudantes indígenas e não indígenas do Programa PARFOR do município de Tonantins, no Amazonas. Para obtenção dos resultados, foi aplicado um questionário com o intuito de obter o máximo de informações possíveis. Para isso, foi realizado o mapeamento da situação dos professores junto com a coordenadora do PARFOR do município, a finalidade foi buscar informações sobre quem eram esses alunos. Assim como também contei com a ajuda dos professores da SEDUC, Nilson e Alcemir, a ajuda deles foi fundamental para que eu pudesse continuar minha pesquisa, sendo que eles conheciam a maioria dos alunos e me indicaram onde eu poderia encontrar.

Sendo assim, comecei a aplicar o questionário para alguns alunos/professores que residiam no município, na mesma semana eu parti para as comunidades, consegui visitar algumas comunidades nessa semana, contudo consegui aplicar somente sete questionários nas comunidades ribeirinhas, sendo que em comunidades diferentes e próximas uma da outra. Ao todo, foi aplicado o questionário a 13 pessoas. É importante ressaltar que foram tomadas todas as medidas de proteção possíveis em relação à Covid-19.

Tabela1: Dados dos professores entrevistados do curso PARFOR.

Docente	Naturalidade	Idade	Escolaridade/formação	Comunidade em que atua
A	Tonantins	31	Licenciatura em Letras	São Pedro
B	Tonantins	29	Formação pedagógica	Santa Cruz
C	Tonantins	29		Deus é Amor
D	Tonantins	43	Formação pedagógica	Santa Terezinha
E	Tonantins	50	Formação pedagógica	Santa Lucia
F	Tonantins	35	Formação de professores da educação básica-	Bico da Chaleira

			PARFOR	
G	Tonantins	39	Magistério	São José do Amparo
H	Tonantins	42	Formação pedagógica	
I	Tonantins	40	Formação pedagógica	Bairro José Cordeiro
J	Tonantins	35	Ensino médio/professora	
K	Tonantins	40	Completa	Bairro Santo Expedi- to
L	Tonantins	28	Ensino médio	Não estou atuando
M	Tabatinga	32	Estou cursando: letras lín- gua portuguesa	Atualmente não estou trabalhando

A tabela 1 apresenta os dados dos 13 professores indígenas e não indígenas que foram entrevistados, indicando sua naturalidade, idade, escolaridade/formação e qual comunidade atuam, sendo que, como podemos visualizar alguns docentes não estão trabalhando, segundo eles é por questões políticas ou o contrato chegou ao fim.

Nesse sentido, a segunda questão do questionário foi referente à atuação do professor no programa PARFOR, com o intuito de sabermos de que forma o professor ministrante trabalha, quais meios e métodos que ele utiliza para ministrar as aulas.

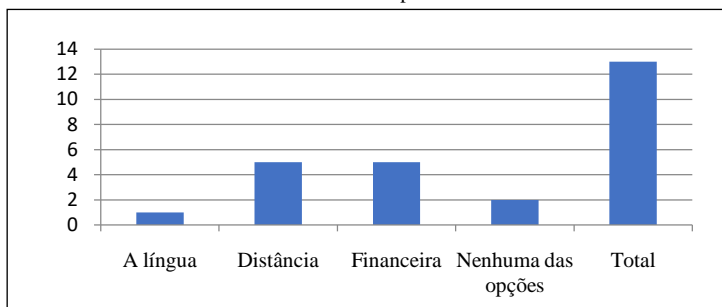
Tabela 2: Atuação do professor regente.

Docentes	O professor ministrante busca meios que auxiliem você indígena a entender o conteúdo?
A M	Sim, os professores tentam dar o seu melhor: como dinâmica, aulas práticas, pequenos projetos e etc.
M R	Não sou indígena, porém os professores que vem ministrar as aulas nos ajudam bastante e buscam vários metodos que facilitam o meio de comunicação com todos.
J M	Sim
R F	Sim
A N	Sim, os professores buscam metodos que facilitam o entendimento.
E C	Não tenho dificuldade pra falar o português, falo muito bem. Todos os professores que já ministraram as aulas buscaram meios para que todos entendessem o conteúdo.
G M	Sim: por que; o professor faz com que os alunos por meios de exercício, leitura seminários.
E G	Sim busca meios para auxilia por meio de livros e apostilas para entender o conteúdo.
M C	Porém a contribuição dos falantes desenvolve as habilidades e o conhecimento linguistico ao refletir o foco atual dos nossos interesses.
M A	Sim, o professor sempre buscam ministrar as suas aulas mostrando a

	realidade local através dos conteúdos, respeitando e abrangendo bastante a cultura.
E S	Buscar sim meios de auxiliar, nós aluno como entender, nos mostra em data show, explicar mais de uma vez, escrever na lousa.
G S	Poucas vezes, porque fala muito. Tem uns, outros não. Tem uns que repetem novamente, pergunta onde não entendeu.
A F	Não, os conteúdos vem de extrema dificuldade, mas torna fácil pelo motivo de eu já tenha estudada no município há muito tempo.

A tabela 2 apresenta a opinião dos alunos sobre a forma de ensino, como e quais métodos e meios os professores ministrantes buscam trabalhar em classe para que os mesmos tenham entendimento. Pode-se notar que a maioria deles avalia como positivo o método de ensino utilizado pelos professores no PARFOR, apenas um disse que não, o aluno AF, o qual relatou inclusive os que muitas das vezes o professor ministrante solicitava que ele explicasse o assunto na língua tikuna para os colegas, já que ele fala e entende o português. Vale ressaltar que as respostas foram transcritas de acordo com o que estava no questionário.

Gráfico 1: Dificuldades enfrentadas pelos alunos durante o curso.



De acordo com o gráfico 1, foi elaborada uma pergunta com finalidade de saber quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos alunos durante o curso, que conseqüentemente nos dará uma luz do porquê muitos acabam desistindo do curso. Cinco pessoas responderam que a dificuldade financeira atrapalha bastante durante esse percurso como afirma G M “por muitas das vezes vem da comunidade deixando família, para busca uma vida melhor; através dos estudos”. Com isso, conseqüentemente a distância se torna também um desafio para quem reside na comunidade, fazendo com que a dificuldade desse aluno seja em dose dupla tanto financeira quanto distância. G S afirma que “a distância, porque eu

venho todas manhãs cedinho da comunidade para cede do município de rabetinha e financeiramente por que quando estamos estudando não estamos trabalhando não temos dinheiro pra comprar nosso alimento”. Nesse sentido, como podemos observar, distância e vida financeira figuram como desafiadores para os alunos do PARFOR no município de Tonantins, como bem comentado a maioria deles residem na comunidade e para se deslocar até a sede do município requer gastos com combustíveis e alimentação.

Duas pessoas disseram que não sentem dificuldade nenhuma e uma pessoa relatou que sente dificuldade na língua, conforme M A “a minha maior dificuldade foi na língua portuguesa, mas estou forçando o máximo para acompanhar os conteúdos ministrados pelo professor”.

Sendo assim, a partir disso surgiu outra pergunta: Sendo que o conteúdo ministrado na sala de aula é em português, você sente dificuldades ao voltar para sua comunidade e ministrar as aulas em Português?

Tabela 3: O ensino de língua portuguesa nas comunidades.

Docentes	
A M	Não
M R	Não sinto dificuldades
J M	Não
R F	Não, porque moro na cidade já muito tempo durante meus estudos aprender a lidar com esses desafios e apesar de tudo isso tive um pouco de conhecimento.
A N	Não respondeu
E C	Não tenho nenhuma dificuldade porque falo bem português.
G M	Não por ser um aluno universitário estudioso, interessado nos conteúdos trabalhos e comentar as dúvidas com o professor e colegas.
E G	Sim, principalmente na língua português para ser ministrado em sala de aula com os alunos por não compreender bem.
M C	Não, não sinto dificuldade, sinto prazer de atuar em sala de aula, desenvolvendo, assim as habilidades de conhecimento.
M A	Não, porque tudo dependerá muito de mim como professora em ser uma ótima pessoa em administrar aulas para crianças que serão o amanhã o futuro da comunidade.
E S	Não sinto dificuldade, de ministra aula na comunidade.
G S	Não. Porque nós somos indígenas kokama, mais nós falamos a língua portuguesa. Não falamos a língua materna kokama.
A F	Não. Porque eu entendo bem o português, mas se eu não entendesse ai

	seria uma dificuldade, por isso fica fácil ministrar as aulas na comunidade.
--	--

Conforme a tabela 3, muitos professores afirmam não sentirem dificuldades de ministrar suas aulas na língua portuguesa, como podemos observar eles procuram meios com que suas aulas se tornem compreensivas, apesar de relatarem que o professor ministrante do PARFOR não busca muitos métodos de ensino, eles próprios quando chegam em casa estudam, buscam compreender para que haja a socialização do saber quando os mesmos voltam para suas comunidades. É importante ressaltar que muitos povos perderam sua língua materna com o passar dos anos, por isso a importância da valorização da cultura desses povos é muito importante para sua identidade. Apenas uma pessoa disse que sente dificuldade em administrar suas aulas em português por seus alunos não entenderem muito bem, então, pode-se notar que depende muito de comunidade para comunidade, pois ainda existem muitas pessoas que falam a língua materna.

Acerca disso, foi questionado quais foram os métodos utilizados por eles para alcançar êxito nas suas aulas e atividades. Uma das respostas que achei muito interessante foi de A F que disse o seguinte “vários métodos, é ensinar os alunos bilíngue, no português e na língua oficial da nossa comunidade e também no curso está me proporcionando uma avanço de aprendizagem que eu não sabia”. Assim como também de G S “os métodos são das formações como: jogos lúdicos, colar das palavras e também aulas interdisciplinares”. Nesse sentido, é muito importante que o bom professor busque vários métodos de ensino para que haja aprendizado de ambas as partes, estarem informados sobre todos os assuntos é essencial para quem trabalha principalmente com alunos indígenas.

Sobre ensinar de forma diferenciada E G relata “os métodos utilizados foram os nomes de frutas, de animais e de plantas para forma palavras para poder ser feita as atividades”. Segundo E G utilizar esses métodos com os alunos indígenas tem sido bastante produtivo, pois é importante ensinar seus alunos com exemplos de nossa região.

Tabela 4: Avaliação dos participantes quanto ao curso do PARFOR.

Docentes	Como você avalia o curso PARFOR? Algo precisa ser melhorado?
A M	Muito ótimo.
M R	Curso PARFOR é um dos melhores, pois ajuda os professores que não

	tem condição como sair pra estudar em outros municípios e ele trás os cursos ate para todos em sua area. Precisa ser melhorado a questão do local onde acontece as aulas durante os periodos.
J M	No meu ponto de vista não, tenho nada a dizer se precisa melhorar algo, porque percebo que os alunos do parfor, se sente muito felizes com os professores e isso me faz feliz também. O curso parfor é muito importante na vida de cada aluno que está cursando. Porque tem os melhores profissionais.
R F	O PARFOR veio numa boa hora, através dele temos a oportunidade, de estudar e ter mais o conhecimento, de todas as disciplinas, ministradas por cada professor e com isso so temos que aproveitar.
A N	A maior dificuldade no curso é a falta de sala e cadeira, muitos colegas que chegava atrasados tinham que sentar no chão.
E C	Pra mim o curso estava indo muito bem, infelizmente teve que parar, gostei muito de todos os professores que vieram ministrar as aulas todos foram ótimos professores. Por mim não precisa mudar nada.
G M	Sim; Porque como moramos no interior é difício por não possuir um computador uma biblioteca uma internet de qualidade.
E G	Eu avalio por ser um curso muito bom.
M C	Curso superior de graduação precisa continuar os conhecimentos linguísticos.
M A	O parfor foi uma grande conquista para cada um dos alunos, pois era um sonho em ser professora e ter um estudo superior. Acho que deve ser mais estruturado as aulas com internet e mais tecnologias para facilitar ao professor como ao aluno.
E S	O curso parfor aprofunda nossos conhecimentos, experiências academicas na nossa vida profissional.
G S	Muito importante para nós indígenas que não temos oportunidades e condições financeiras para cursar uma graduação em outro município.
A F	Eu avaliando o parfor, é uma compromisso com nós cursista de transmite algo que nós entenda, os ministrantes são muito bons. Pra ser melhorado eu acho que não, no meu ponto de vista.

A tabela 4 mostra como os professores/alunos avaliam o curso PARFOR e se algo precisa ser melhorado. Como podemos observar, segundo os professores, o curso contribuiu para que eles pudessem ter uma formação superior, sendo que muitos deles não têm condições de sair de sua comunidade e ir para outro município. Vale salientar que alguns reclamaram do local das aulas, o PARFOR não tem um local específico, próprio, é cedida uma sala na Escola Estadual Santo Expedito para que eles estudem, mas infelizmente a sala é pequena, não cabem muitas carteiras e muitos alunos sentam no chão.

Sendo assim, fazendo uma visão geral, conforme os professores participantes de nosso estudo, o curso PARFOR no município de Tonantins-AM prioriza, em alguma medida, as diversidades linguísticas ali e-

xistentes e o ensino é feito de forma explicativa que todos entendam e tenham aprendido durante os conteúdos, puderam-se notar as dificuldades dos acadêmicos e sentir o quanto é difícil sair de suas comunidades todos os dias atrás de um futuro melhor para suas famílias. É perceptível a dedicação de cada um, chegar a suas residências e continuar estudando, lendo, pesquisando, buscando meios para ser um bom professor em sala de aula.

4. Considerações finais

Realizar um estudo sobre a formação dos professores indígenas no município de Tonantins-AM foi um projeto que superou minhas expectativas, ampliando meus conhecimentos teóricos e de mundo. Essa pesquisa foi de suma importância para sabermos como anda o ensino no curso ofertado pelo PARFOR, como funciona, quais métodos os professores utilizam para superar qualquer dificuldade. Acerca disso, pode-se dizer que os objetivos deste projeto foram alcançados.

Para mim, como pesquisadora conhecer cada dificuldade e superação dos alunos/professores foi como me abrir os olhos que nada nessa vida é fácil, se queremos algo, temos que correr atrás independente de condições financeiras e distância, com certeza essa pesquisa serviu de inspiração para concluir mais esse desafio. Espero que este trabalho possa contribuir para que a coordenação do PARFOR olhe por esses alunos indígenas que sofrem bastante com a distância, tornando assim um desafio para concluir o curso. Assim como também favorecer uma estrutura adequada para os alunos e professores.

Portanto, essa pesquisa foi de suma importância tanto para minha vida pessoal e profissional, foi muito gratificante conhecer cada comunidade, professor e saber como funciona essa troca de conhecimentos no município, e conseqüentemente poder ajudá-los futuramente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCHETTI. Vania Regina. Tempos de fazer, saber e aprender: o PARFOR da Universidade de Sorocaba. *Avaliação*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 529-43, Sorocaba-SP, jul. 2017.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação/MEC. Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências. Brasília-DF: MEC, 2009.

_____. *Referenciais para a Formação de Professores Indígenas*. Brasília: MEC/SEF/DPEF. Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas, 2002.

_____. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Lei de Diretrizes e Bases para a educação nacional.

CAVALCANTE, Luciola Ines Pessoa. Formação de Professores na perspectiva do movimento dos Professores indígenas da Amazônia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 22, Manaus, Jan/Fev/Mar/Abr, 2003.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil*. Campinas-SP: Curt Nimuendajú, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

KRASHEN, S. *Principles and practice in second language acquisition*. California. University of Southern California, Pergamon Press, 1982.

MACEDO, A. S. *Saberes tradicionais krahô e Educação Escolar Indígena: um diálogo possível na Escola Indígena*. 19 de abril, Araguaína. Dissertação de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura. Brasil: Universidade Federal de Tocantins, 2015.

WILKINS, D. *Second language learning and teaching*. London: Edward Arnolds, 1976.